

## UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO CONTO DE FADAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS(AS) DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

### A PROPOSAL TO WORK WITH THE DISCURSIVE GENRE FAIRY TALE IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES FOR STUDENTS OF THE EARLY GRADES OF ELEMENTARY SCHOOL FROM ETHNIC-RACIAL RELATIONS

### UNA PROPUESTA PARA TRABAJAR CON EL GÉNERO DISCURSIVO CUENTO DE HADAS EN LAS CLASES DE LENGUA PORTUGUESA PARA ESTUDIANTES DE LOS PRIMEROS AÑOS DE LA ESCUELA PRIMARIA A PARTIR DE LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES

Ariane Claudia Bonfim da Hora<sup>1</sup>  
Jonathas de Paula Chaguri<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é didatizar o gênero discursivo conto de fadas nas aulas de língua portuguesa no 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental. A problemática que configura esta pesquisa centra-se da seguinte forma: De que modo os contos de fadas nas aulas de língua portuguesa podem contribuir para a formação humana da criança? Como resultado final, os dados analisados resultaram na elaboração de uma proposta de intervenção didático-pedagógica com o gênero conto de fadas a partir da temática das relações étnico-raciais nas aulas de língua portuguesa para alunos(as) do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental.

**Palavras-chaves:** Língua Portuguesa. Conto de Fadas. Relações Étnico-Raciais.

**Abstract:** In this work, we aim to didatize the discursive fairy tale genre in Portuguese language classes in the 2<sup>nd</sup> grade of the initial grades of elementary school. The problem that configures this research focuses as follows: How can fairy tales in Portuguese language classes contribute to the human formation of children? As a final result, the data analyzed resulted in the elaboration of a proposal for didactic-pedagogical intervention with the fairy tale genre based on the theme of ethnic-racial relations in Portuguese language classes for students of the 2<sup>nd</sup> grade of the initial grades of elementary school.

**Keywords:** Portuguese Language. Fairy Tale. Ethnic-Racial Relations.

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7920-9741>. E-mail: [arianebonfim63@gmail.com](mailto:arianebonfim63@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>. E-mail: [jonathas.chaguri@upe.br](mailto:jonathas.chaguri@upe.br)

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es didactizar el género discursivos cuentos de hadas en las clases de lengua portuguesa en el 2º año de los grados iniciales de la escuela primaria. El problema que configura esta investigación se centra en lo siguiente: ¿Cómo pueden los cuentos de hadas en las clases de lengua portuguesa contribuir a la formación humana del niño? Como resultado final, los datos analizados dieron como resultado la elaboración de una propuesta de intervención didáctico-pedagógica con el género cuento de hadas basada en el tema de las relaciones étnico-raciales en las clases de lengua portuguesa para estudiantes de 2º año de los grados iniciales de la escuela primaria.

**Palabras clave:** Lengua Portuguesa. Cuento de Hadas. Relaciones Étnico-Raciales.

**Submetido 17/12/2021**

**Aceito 09/05/2022**

**Publicado 02/06/2022**

## Introdução

A literatura infantil permite viabilizar valores éticos em qualquer parte da vida da criança. Entretanto, nos anos iniciais do ensino fundamental, ela assume um papel preponderante na construção do desenvolvimento Infantil. Além de divertir, despertar a curiosidade das crianças, permite que elas repensem sobre seus atos. A literatura infantil, então, possibilita um espaço de entendimento de suas próprias emoções e, aliado ao estudo com o gênero discursivo<sup>3</sup> conto de fadas, será possível enriquecer o saber e o conhecimento da criança no momento em que ela reconhece nos personagens das obras infantis, o aprimoramento de “[...] sua autoestima e o convívio social” (ARANTES; GASPAR, 2018a, p. 22).

Diante desse contexto, apresentar o mundo da literatura infantil para à criança por meio do conto de fadas é importante porque viabiliza a “[...] construção da identidade positiva e de uma relação de respeito às diferenças no ambiente escolar” (ARANTES; GASPAR, 2018a, p. 20). Para isso, é necessário escolher qual ou quais temáticas o(a) professor(a) trabalhará nos anos iniciais do ensino fundamental a partir do gênero discursivo conto de fadas. Nesta ocasião, sustentado pelas pesquisas de Arantes, Luz e Santos (2020), Arantes e Gaspar (2018a, 2018b), escolhemos tematizar este trabalho a partir das relações étnico-raciais a fim de valorizar e respeitar a identidade negra nas práticas sociais que estão cristalizadas na sociedade.

Em outras palavras, defendemos uma formação do espírito humano da criança ao propor o trabalho com o gênero conto de fadas nas aulas de língua portuguesa. Por essa razão, o objeto de ensino deste componente curricular – o texto – é trabalhado como produção discursiva onde alguém diz algo para um outro alguém (GERALDI, 2003) e, assim, o desenvolvimento da formação humana pode ser orientado à criança como princípio de valoração educativa.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é didatizar o gênero discursivo conto de fadas nas aulas de língua portuguesa no 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental. Nessa perspectiva, a problemática motivadora que configura este trabalho centra-se da seguinte forma:

---

<sup>3</sup> Para referenciar o estudo com a multiplicidade de textos, usamos o termo ‘gênero discursivo’ porque este trabalho parte da leitura do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2003 [1920]). Contudo, é importante destacar que não tomamos a expressão ‘gênero discursivo’ como sinônimo de ‘gênero textual’ porque entendemos que há uma diferencia terminológica destes termos. Contudo, não detalharemos esta questão porque não é o foco deste trabalho. Para maiores esclarecimentos, o(a) leitor(a) poderá consultar os textos de Ottoni (2009), Dias, Mesquista, Finotti, *et al.* (2011) e Bezerra (2017).

De que modo os contos de fadas nas aulas de língua portuguesa podem contribuir para a formação humana da criança?

Guiados por uma literatura homogênea, a concepção teórica deste trabalho encontra-se nos estudos de Bastos (2005); Farias e Rubio (2012) acerca das características do conto de fadas e nos estudos das relações étnico-raciais (ARANTES; LUZ; SANTOS, 2020; ARANTES; GASPAR, 2018b), para discutir as representações negras nas diversas realidades que buscamos estudar a partir do trabalho com o gênero conto de fadas. Com relação aos seus aspectos metodológicos, este trabalho assume um caráter de pesquisa bibliográfica e documental com uma abordagem qualitativa. Os dados coletados são examinados a partir do Interacionismo Socio Discursivo (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) a fim de fundamentar as questões relacionadas a produção didático-pedagógica.

Por conseguinte, passaremos, agora, a configurar o papel da literatura infantil com relação ao trabalho com o conto de fadas e, assim, discutir os aportes teóricos que configuram este artigo. Em seguida, apresentamos o encaminhamento metodológico acerca do estudo com o conto de fadas. Para finalizar, apresentamos as conclusões finais do trabalho e as referências utilizadas ao longo da redação deste texto.

### **O Porquê em Escolher Trabalhar com as Relações Étnico-Raciais no Conto de Fadas**

As obras de literatura Infantil é uma coletânea de livros destinados especialmente as crianças e jovens sendo adaptável para os adultos. Entretanto, a literatura infantil refere-se atualmente para as crianças. Ela teve início no século XVIII. “As crianças eram vistas como adultos em miniatura. Trabalhavam nos mesmos locais, usavam as mesmas roupas sendo diferente dos adultos apenas no tamanho e na força” (ARIES, 1981, p. 14).

Em outras palavras, nesse período, as crianças não tinham seus direitos validados. Apenas a partir do século XVIII que começam a diferenciar as crianças dos adultos. Para que isso pudesse acontecer, o primeiro passo, então, foi a escolarização. Contudo, como acentua Lajolo e Zilberman (2003), ao longo do Império, a qualidade da educação no país era precária. Em contrapartida, no início do século XIX, com o surgimento da Revolução Industrial em países da Europa como Inglaterra e França, a modernidade toma conta da sociedade industrial. Por outro lado, em terras brasileiras, infelizmente a realidade não é a mesma da Europa. O

Brasil não avança em suas relações industriais e, assim, “[...] vejeta intelectualmente, carente de imprensa e livrarias” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 64).

Os direitos das crianças só ganharam destaque no final do século XIX (PINTO, 1997). A partir de então, as crianças começam a frequentar as escolas, possuir roupas adequadas para sua idade, ter um espaço reservado para que possa repousar e, principalmente, passar a vivenciar seus direitos de criança, tais como: brincar e construir seus valores enquanto sujeitos da sua própria história.

A partir do final século XIX, então, com o direito de infância conquistado, a criança começa dar lado para a sua fantasia, podendo ser traduzida pelo ato do brincar, do faz de conta. Nesse ir e vir da brincadeira, que menina nunca sonhou encontrar um príncipe encantado? que menina nunca sonhou com aquele galã de novela, idealizado na tela da TV ou do cinema como um príncipe encantado que surge nos minutos finais e salva a linda e bela princesa? Se todos esses enredos dos contos de fadas servissem como parâmetros para projetar o cotidiano da criança, certamente, os contos de fadas passariam a serem lido e estudado por boa parte da sociedade civil. Contudo, neste trabalho, vale-nos discutir não os finais felizes, mas, sobretudo, a contribuição dos contos de fadas como princípio educativo para a formação humana da criança.

Neste estudo, optamos por propor uma proposta de intervenção didático-pedagógica nas aulas de língua portuguesa com conto de fadas para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, com particular interesse para os 2º anos cuja a temática se traduz pelas relações étnico-raciais. A escolha deste tema se deu porque ele vem sendo trabalho nas escolas somente em datas comemorativas (ARAÚJO, 2018; ARANTES; GASPAS, 2018a). Contudo, segundo os estudos de Arantes, Luz e Santos (2020), Arantes e Gaspar (2018b), a representatividade da negritude brasileira pode e deve ser estudada na escola desde que esteja inserida nos componentes curriculares que formam o currículo escolar. Isso ocorre, portanto, a partir da aprovação da Lei n.º 10.639 (BRASIL, 2003) que busca estabelecer na educação básica, a obrigatoriedade no currículo das escolas o estudo da temática da História e Cultura Afro-Brasileira.

A Lei 10.639/03 [...] instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos Africanos no currículo escolar da Educação Básica [sic], resgatando historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. Contudo,

passados 15 anos de sua existência, ainda encontramos práticas pedagógicas que não valorizam a presença dos negros na formação do nosso país, contribuindo para a manutenção das hierarquias raciais na sociedade contemporânea (ARANTES; GASPAR, 2018b, p. 25-26).

A escolha do tema surgiu devido à inquietação da autora de envolver em sua formação enquanto futura educadora e pedagoga, a sensibilidade da formação humana e, sobretudo, por ter sido privada do contato com a literatura infantil ao longo de sua infância. Desse modo, a pesquisa tem possibilitado a primeira autora, o estudo de contos e histórias infantis, levando-a a criar estratégias que possa envolver o trabalho com a literatura infantil de forma que atenda a necessidade da contemporaneidade e as orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) quanto ao papel da escola ao combate do racismo.

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (BRASIL, 2004, p. 15).

Em outras palavras, apresentar para a criança um conto de fadas com a temática das relações étnico-raciais é mostrar, segundo Arantes, Luz e Santos (2020), a riqueza de formação que a literatura potencializa para o desenvolvimento do aspecto social e humanizador que vai além das palavras e das imagens expressas nos contos de fadas.

Outro fator que levou a autora deste trabalho escolher essa temática foram as suas inquietações a respeito das narrativas infantis abordarem o negro de maneira estereotipada. Essa visão, infelizmente, é “[...] fruto de uma perspectiva tradicional da história que sempre colocou a cultura europeia e branca no centro, em detrimento das demais culturas, como as africanas e as indígenas (ARANTES; GASPAR, 2018b, p. 27). Desse modo, indagamo-nos: por que em pleno século XXI, a relação étnico-racial é trabalhada nas escolas somente em datas comemorativas (ARANTES; GASPAR, 2018a; ARAÚJO, 2018) e não como um conteúdo curricular que possa promover e garantir a equidade social?

É importante que às crianças tenham contato com os livros, pois é por meio deste contato que elas constroem seu próprio mundo imaginário e fortalecem sua autoestima. Neste

sentido, Abramovich (2006) advoga que os contos de fadas têm como objetivo estimular no leitor o conhecimento, auxiliar na escrita e fala, enriquecer o saber entre mil e outras coisas positivas que a literatura, sobretudo, pode e deve auxiliar na construção do desenvolvimento emocional infantil.

A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura. Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens. Ler foi sempre maravilha, gostosura, insubstituível. E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 2006, p.17).

A temática étnico-racial tem um papel importante na formação humana principalmente se trabalhada de forma adequada com as crianças. Com essa temática trabalhamos a valorização das virtudes do espírito humano. Ressaltamos que além de contribuir na construção de uma sociedade com um caráter de equidade, a questão racial ganha visibilidade e relevância nos debates políticos e, por conseguinte, a manutenção da inserção do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar na educação básica. Na próxima seção, então, passamos para a discussão de como é formado o gênero discursivo conto de fadas.

### **Características dos contos de fadas**

Os contos de fadas são histórias que teve sua “origem na Europa no final do século XVII e tinha como característica personagens que enfrentavam grandes batalhas e desafios com o intuito de vencer o mal” (BASTOS, 2015, p. 28). Atualmente, os contos de fadas estão direcionados principalmente às crianças. Segundo Bastos (2015, p. 28), “[...] com o tempo e a valorização da vida infantil, os contos foram modificados para amparar a vida imaginária das crianças, assim, construídas histórias populares baseadas na cultura que as cercavam”. Por isso, os contos eram considerados uma forma de distração para os escravos e lavradores do tempo escravista cuja a característica dos personagens eram enfrentar batalhas e desafios com o intuito de vencer o mal.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETHELHEIM, 2008, p.15).

Contudo, um aspecto importante a destacar é o papel da criança no final do século XVII. Como já dito anteriormente neste texto, no contexto histórico do final do século XVII, as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Portanto, não se havia uma preocupação pelo educar na infância para criança. Os desejos, as roupas, as brincadeiras, a forma de se educar eram ensinadas às crianças de forma adulta, ou seja, não se levava em consideração o desenvolvimento infantil.

Os contos de fadas tradicionais não tinham em seus enredos a perspectiva de final feliz e nem a participação de princesas e príncipes, pelo contrário, os contos de fadas tradicionais abordavam assuntos assustadores no qual os personagens eram maldosos e cruéis. Um exemplo de conto de fadas que sofreu adaptações, tornando-se, então, conto de fadas moderno, é o conto de “Cachinhos Dourados” (MACHADO, 2004). Este conto, atualmente, é um conto de fada moderno porque narra a história de uma menina cansada, exausta e faminta que invade a casa de uma família de ursos. Após os ursos entenderem que a menina invadiu a casa deles em busca de alimento, os ursos e as meninas acabam tornando-se amigos.

Já na versão da história original (conto de fadas tradicional), a menina, na verdade, é uma raposa no qual tem um final trágico. Ela acaba sendo devorada pela família de ursos. Desta forma, vemos como os contos de fadas tradicionais foram se modificando ao longo da história e, portanto, assumindo uma característica de contos de fadas moderno que nos serve como um gênero discursivo para trabalhar princípios educativos à formação humana da criança.

O conto de fadas na versão infantilizada, ou seja, na versão clássica, tem sua nacionalidade na França por volta do século XVII. O autor responsável por essa construção temática foi o escritor francês de contos infantis Charles Perrault<sup>4</sup> (1628-1703). Contudo, o ponta pé inicial só aconteceu no século XIX. No entanto, a ludicidade foi chamada aos contos de fadas devido a necessidade de amenizar as histórias polêmicas, controversas e traumatizantes nos contos.

---

<sup>4</sup> No livro “Contos do Tempo Passado com Moralidades” de Charles Perrault, editado e publicado pela editora Paulinas, em 2016, podemos identificar uma versão integral dos oito contos escritos por Perrault. São eles: A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; Barba Azul; O Gato de Botas; As fadas, Cinderela; Riquê do Topete e O Pequeno Polegar (OLIVEIRA, 2018).



Os contos de fadas receberam esse nome por terem sua origem nas etnias celtas dos povos bretã<sup>5</sup> e por ter como enredo a fantasia (BASTOS, 2015). Geralmente, os contos de fadas são transmitidos oralmente, iniciando-se com a expressão “Era uma vez” e sempre apresentam como características um final feliz. Os contos de fadas, segundo Bastos (2015) caracterizam-se por possuir uma simbologia organizada com personagens simples e fáceis de serem compreendidos pelas crianças. Todavia, o sucesso dos contos de fadas modernos, principalmente das versões que contamos hoje para elas é, sobretudo, “[...] a utilização de problemas reais e o final sempre feliz, facilitando, assim, a identificação da criança com as histórias” (BASTOS, 2015, p. 29). Por conseguinte, para entendermos com mais propriedade o enredo dos contos de fadas, passamos, então, a sumarizar suas características.

### Os Personagens

Atualmente, os personagens dos contos de fadas são simples. São seres humanos que apresentam qualidades ou defeitos que são bem destacados na trama dos contos de fadas. Entre os seres humanos que figuram a trama podemos destacar os pais, a madrasta, a avó, as cortes do rei, os trabalhadores que entram em alguns contos como povo que sofre e batalha, as bruxas, os monstros e as fadas.

Na maioria das vezes, os contos de fadas narram histórias em que os personagens principais são príncipes e princesas, um herói ou uma heroína no qual juntos enfrentam vários obstáculos e provações para juntos conseguirem derrotar o mau e, assim, viverem o tão sonhado “felizes para sempre”.

Os contos de fadas caracterizam-se por utilizar em abundância a magia, a metamorfose e o encantamento e, com isso, apropriando-se de um núcleo problemático. Os elementos que se englobam a este núcleo é o agressor, ou seja, aquele que executa determinada maldade a um dos personagens principais (caracterizado por um príncipe). Com ele, há a presença do doador cuja função na história é de ajudar o herói a vencer. Entre esta disputa entre o bem e o mau que

---

<sup>5</sup> A sociedade celta era organizada em tribos desenvolvida para a época, com uma organização social, cultural, religiosa, política e econômica. Havia várias etnias celtas das quais se destacam os bretões, os gauleses, os belgas, os escotos, os batavos, os eburões, os gálatas, os trinovantes e os caledônios. Cada tribo, porém, era organizada por meio de clãs (famílias que compartilhavam as terras) e pautada numa sociedade hierárquica. Estavam divididos em nobres, homens livres, servos, artesãos e escravos (JANSON, 2015).

se sucede com o agressor e o príncipe, há a presença de um personagem secundário que se faz companheiro junto ao herói, entendido como seu conselheiro pessoal ou secretário e, sobretudo, a figura mais importante dos contos de fadas, a princesa.

### **Contexto Temporal**

O ambiente, ou seja, o espaço temporal nos contos de fadas é importante. É onde ocorrem as ações das histórias. Por isso, as ações entre vencer o mau e libertar a princesa de uma prisão é distante e confuso. Nunca é detalhado. É sempre “[...] caracterizado por expressões como “Num certo reino” para indicar o espaço, ou “Era uma vez” para referir o tempo, o que deixa aparecer imagens de um universo maravilhoso e traz a ideia cronológica das histórias” (BASTOS, 2015, p. 29).

### **Estrutura**

Quanto à estrutura, os contos de fadas não apresentam complexidade a sua forma, é extremamente simples. Sem dúvida, isso contribui para seu sucesso junto às crianças. A sua narrativa inicia com uma situação de equilíbrio. Mas, esta situação é alterada pelo conflito por parte do herói (caracterizado pelo príncipe). Com a ajuda de seres animais ou objetos mágicos, como por exemplo: porquinhos; xícaras; vassouras e espelhos, o herói venceu os obstáculos saindo vitorioso e, portanto, garantindo um final feliz. Vale destacar que o papel dos objetos nos contos de fadas são de personificar “[...] o orgulho, a modéstia, a covardia, a beleza, a feiura, a mágica, a bondade ou a maldade” (BASTOS, 2015, p. 29).

### **Princípio Educativo**

Bettelheim (2008) ressalta a importância de se apresentar os contos de fadas do público infantil em sua versão adaptada. A falta de qualquer um dos elementos supracitados anteriormente causa danos e rupturas na estrutura dos contos de fadas, perdendo, assim, a sua originalidade. Vale ressaltar que Sandroni e Machado (1987) defendem que há uma tendência de censurar episódios considerados violentos. Contudo, mesmo depois da substituição do termo “assustador” para o termo “faz-de-conta”, os personagens, tais como: bruxas; anões; lobos; entre outros personagens símbolo de maldade, possibilita a criança a superar seus anseios e lidar com o sentimento de medo.

[...] as bruxas, os gigantes, os anões e os lobos desempenham uma atração muito grande sobre criança, pois ela gosta de enfrentar e vencer o medo. Além disso, é importante esse contato para que ela conheça os aspectos sombrios da vida. Histórias assim podem ajudá-la a lidar com sentimentos fortes, como o medo ao ser protegida pela proximidade do pai e da mãe (BASTOS, 2015, p. 30).

Os contos de fadas caracterizam-se por abordar questões da atualidade. O conto infantil “O Patinho Feio” (SOUZA, 2010), por exemplo, discute a exclusão e a divisão de classes o que deixa a criança fascinada. Muitas crianças encontram nos contos de fadas forma de lidar com seus próprios problema de uma forma mais leve e descontraída. Desse modo, os(as) professores(as) podem trabalhar com os contos de fadas em suas aulas porque dinamizará o conteúdo de sua disciplina e, ao mesmo tempo, possibilitará a criança identificar os princípios educativos que tratam os contos de fadas, pois, em geral, “[...] a bondade vence a maldade, a coragem a covardia e, assim, por diante” (BASTOS, 2015, p. 29).

### **Encaminhamento metodológico com o conto de fadas**

Para que possamos colocar em prática os indicativos selecionados pela revisão da literatura que este trabalho busca fundamentar, inicialmente, faz-se necessário delimitar o percurso metodológico que a pesquisa percorre a fim de disseminar os enunciados que estão a cargo desta pesquisa. Desse modo, este trabalho assume um caráter de pesquisa científica porque estuda por meio de seus pressupostos teóricos e metodológicos, os fenômenos educativos que se configura por ser o gênero discursivo conto de fadas nas aulas de língua portuguesa.

Este trabalho, então, apresenta uma abordagem qualitativa porque busca compreender como o conto de fadas pode ser ensinado pelo(a) professor(a) de língua portuguesa como objeto de ensino, ou seja, como produção de sentido ao exercício da leitura e escrita na escola e, por conseguinte, tematizar os desafios da contemporaneidade como princípio educativo, trabalhando, assim, com as questões de inclusão social relacionado a representatividade da negritude nas relações étnico-raciais. Por essa razão, não despreveremos dados sobre pessoas, lugares e processos de interatividade em detrimento do contato da pesquisadora (neste caso, trata-se da graduanda em Pedagogia) e a sua situação que é estudada por meio desta pesquisa (neste caso, entendemos por ser o trabalho com o texto conto de fadas nas aulas de língua portuguesa nas relações étnico-raciais).

Desse modo, o objetivo metodológico da pesquisa pauta-se por um caminho descritivo e explicativo. Primeiramente, é descritivo porque descreve a forma como o conto de fadas foi se configurando ao longo da história e, assim, como ele é tratado pelo livro didático nas aulas de língua portuguesa (discutiremos mais adiante esta questão). Segundo, é explicativo porque explicará os princípios educativos que o conto de fadas pode abordar para trabalhar com os desafios da contemporaneidade (meio ambiente, drogatização, sexualidade, inclusão social e tecnologias) e, no caso desta proposta de pesquisa, entende-se a inclusão social por ser as relações étnico-raciais.

Como assevera Gil (2002), toda pesquisa precisa delimitar os procedimentos metodológicos que o trabalho deverá percorrer em torno de seu objeto de estudo, ou seja, delimitar as técnicas de pesquisa. Por isso, este trabalho busca trabalhar com a pesquisa bibliográfica e documental. Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica porque faz um “levantamento bibliográfico preliminar” (GIL, 2002, p. 61), podendo, assim, ser “[...] entendido como um estudo da área em estudo” (GIL, 2002, p. 61) com uma delimitação ao tema proposto. Portanto, foi realizado uma revisão da literatura em torno de trabalhos que versam o estudo com conto de fadas como princípio educativo a partir das relações étnico-raciais.

Caminhando nessa mesma direção, é necessário conceituarmos o que é pesquisa documental. Sendo assim, pesquisa documental é todo tipo de pesquisa que lança mãos “[...] de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45). Por essa razão, entendemos que este trabalho assume um caráter documental porque usa o gênero discursivo conto de fadas como forma de identificar e propor uma apresentação de uma proposta que resultará em uma intervenção didático-pedagógica para aulas de língua portuguesa.

Neste ensejo, salientamos, então, que o lócus da pesquisa está direcionado para as séries iniciais do ensino fundamental, com particular interesse aos 2º anos da rede de ensino municipal. Por conseguinte, o sujeito da pesquisa entende-se por ser professores(as) que atuam com o componente curricular de língua portuguesa na rede municipal de ensino de qualquer Estado da federação brasileira. Contudo, é importante destacar que os dados coletados, ou seja, o livro didático usado como análise documental neste trabalho é oriundo do material didático em vigência da Escola Municipal Governador Miguel Arraes de Alencar, localizada na cidade de João Alfredo, estado de Pernambuco.

Todo trabalho científico que trabalha com pesquisa documental necessita de um instrumento de coleta de dados e, posteriormente, de sua análise. Nesta pesquisa, portanto, o instrumento da coleta de dados é por meio da identificação e seleção do gênero discursivo contos de fadas na Coleção Ápis (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d e 2017e). Para isso, recorreremos aos volumes da Coleção para compreendermos como está organizado este livro didático e de que forma o gênero contos de fadas pode ou não estar elencado como um gênero para compor o conteúdo de estudo da Coleção em língua portuguesa.

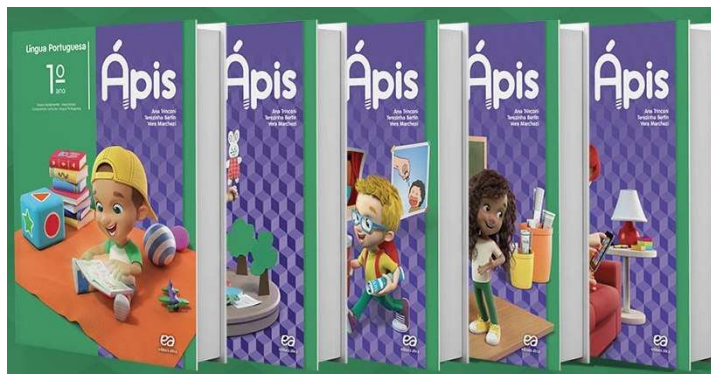
Diante disso, a análise desses dados é realizada por meio de descrição e, por conseguinte, de uma proposta de intervenção didático-pedagógica para o(a) professor(a), possivelmente, trabalhar com o gênero conto de fadas nas aulas do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental com as contribuições do ISD-Interacionismo Socio discursivo que contempla o trabalho com os gêneros discursivos nas aulas de língua portuguesa como produto discurso onde alguém diz algo para outro alguém (GERALDI, 2003).

A análise, segundo aponta Gil (2002, p. 44) é realizada “[...] com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” no qual revelam os princípios didáticos do ISD. Isto posto, este trabalho de análise documental se configura pela Coleção Ápis do componente curricular de português. Diante disso, a pesquisadora terá possibilidades de elaborar uma proposta de atividade(s) que trabalhe os desafios da contemporaneidade (meio ambiente, drogatização, sexualidade, inclusão social e tecnologias digitais) por meio do conto de fadas no qual a fantasia seja uma estratégia para estimular na criança, a construção da formação do seu próprio espírito humano.

### **Análise dos Dados: o livro didático**

Para elaboração desta pesquisa, recorreremos a Coleção Ápis (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017) da editora Ática. Esta Coleção integra o catálogo do Plano Nacional do Livro Didático e do Material Didático, o chamado PNLD. As ações do PNLD consistem em “[...] disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, [...] de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital [...] sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público” (BRASIL, 2018, online). A seguir, disponibilizamos, as imagens da Coleção Ápis de língua portuguesa para as séries iniciais do ensino fundamental (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017).

Figura 1: Coleção Ápis de Língua Portuguesa do 1º ao 5º Ano das Séries Iniciais do Ensino Fundamental



Fonte: Editoras Ática e Scipione (2018).

Para análise da Coleção, a pesquisadora lançou mãos da 3ª edição, publicada em 2017. Esta edição, portanto, foi escolhida porque ela integra o PNLD do Ministério da Educação e Cultura (MEC), para os anos de 2019 a 2022. E, como já mencionado anteriormente, esta Coleção está indicada como o material didático usado pelos(as) professores(a) no Plano de Trabalho Docente do componente curricular de língua portuguesa na Escola Municipal Governador Miguel Arraes de Alencar, localizada na cidade de João Alfredo, estado de Pernambuco. A Coleção Ápis é composta por 5 (cinco) volumes, correspondentes as séries do 1º ao 5º ano. O quadro abaixo dispõe da organização dos volumes para cada série dos anos iniciais do ensino fundamental.

Quadro 1: Volumes da Coleção Ápis e suas Séries

<b>COLEÇÃO ÁPIS</b>	
<b>VOLUMES</b>	<b>SÉRIES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b>
1º Volume	1º ano
2º Volume	2º ano
3º Volume	3º ano
4º Volume	4º ano
5º Volume	5º ano

Fonte: A partir da Coleção Ápis (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2017e).

Todos os volumes foram elaborados com uma configuração que marca a identidade da Coleção, ou seja, todos eles apresentam unidades, que correspondem aos capítulos do livro

didático, distribuídos, portanto, por gêneros discursivos. Em outras palavras, cada unidade apresenta um subtítulo que se traduz por um gênero discursivo. No quadro abaixo, identificamos os subtítulos de cada unidade que correspondem a um gênero presente na Coleção Ápis.

Quadro 2: Gêneros Discursivos na Coleção Ápis

COLEÇÃO ÁPIS	
VOLUMES	Gêneros Discursivos nas Unidades do Livro Didático
1º Volume	Unidade 1: Capa de livro (Parte 1) Unidade 2: Capa de livro (Parte 2) Unidade 3: Letra de canção Unidade 4: Histórias em quadrinhos (Parte 1) Unidade 5: História em quadrinhos (Parte 2) Unidade 6: Texto institucional (Parte 1) Unidade 7: Texto institucional (Parte 2) Unidade 8: Pintura (Parte 1) Unidade 9: Pintura (Parte 2) Unidade 10: Histórias em versos Unidade 11: Cantiga Popular
2º Volume	Unidade 1: Cantiga Popular Unidade 2: Lenga- Lenga Unidade 3: Texto informativos Unidade 4: Fábula Unidade 5: Histórias em Quadrinhos Unidade 6: Poema (Parte 1) Unidade 7: Poema (Parte 2) Unidade 8: Relato Pessoal Unidade 9: Conto Unidade 10: Letra de Canção Unidade 11: Carta Pessoal Unidade 12: Gráfico Informativo
3º Volume	Unidade 1: Letra de Canção Unidade 2: História em Versos Unidade 3: Fábula Unidade 4: História em Quadrinhos Unidade 5: Carta Pessoal Unidade 6: Conto Maravilhoso Unidade 7: Conto Popular Unidade 8: Relato Pessoa Unidade 9: Carta Publicitária Unidade 10: Notícia Unidade 11: Poema Unidade 12: Texto teatral

4º Volume	Unidade 1: Fábula em Prosa e em Versos Unidade 2: Notícia Unidade 3: Reportagem Unidade 4: Carta de Reclamação Unidade 5: Texto Informativo Unidade 6: Conto de Suspense Unidade 7: Conto Popular Unidade 8: Mapa e Roteiro de Passeio
5º Volume	Unidade 1: Poema Unidade 2: Crônica Unidade 3: Texto Informativo Unidade 4: Artigo de Opinião Unidade 5: Reportagem Unidade 6: Propaganda Unidade 7: Conto de Adivinhação Unidade 8: Texto Teatral

Fonte: A partir da Coleção Ápis (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2017e).

Em face ao exposto, observamos, portanto, que a presença do gênero discursivo conto de fadas não está presente nesta Coleção. Contudo, outros gêneros discursivos formam o subgrupo do gênero “contos”. O quadro a seguir demonstra esta assertiva que o trabalho constatou em sua análise.

Quadro 3: Subgrupos do Gênero Discursivo “Contos”

<b>COLEÇÃO ÁPIS</b>	
<b>VOLUMES</b>	<b>Subgrupos do Gênero Discursivo “Contos”</b>
1º Volume	Não há nenhum indicativo de estudo de contos ou conto de fadas neste volume.
2º Volume	Conto Popular (unidade 9, página 174).
3º Volume	Conto Clássico (unidade 6, página 118) e Conto Maravilhoso (unidade 3, página 118).
4º Volume	Conto de Suspense (unidade 6, página 174) e Conto Popular (unidade 7, página 204).
5º Volume	Conto de Adivinhação (unidade 7, página 218).

Fonte: A partir da Coleção Ápis (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2017e).

Constamos, assim, que nos 5 (cinco) volumes da Coleção Ápis, não há a indicação do gênero discursivo “Contos de Fadas”. Há apenas o estudo do conto popular (volume 2), conto clássico e maravilhoso (volume 3), conto de suspense e popular (volume 4) e conto de



adivinhação (volume 5), correspondendo, então, em 4 (quatro) volumes. Diante deste contexto, esta pesquisa busca selecionar e propor uma intervenção didático-pedagógica com as práticas discursivas (oralidade, leitura e escrita) a partir do estudo do gênero conto de fadas com particular interesse ao 2º ano cuja finalidade é explorar a possibilidade de formação que a literatura potencializa no processo de construção do desenvolvimento emocional (ABRAMOVICH, 2006) e social (ARANTES; LUZ; SANTOS, 2020) da criança.

### Uma Proposta com o Conto de Fadas na Perspectiva Étnico-Racial

A proposta do plano de aula que sugerimos pode ser trabalho no 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental porque as crianças estão em uma faixa etária de idade que a fantasia está presente em suas brincadeiras e no desenvolvimento emocional (ABRAMOVICH, 2006) e social (ARANTES; LUZ; SANTOS, 2020). Além disso, no 2º volume da Coleção Ápis, aparece a indicação para se trabalhar o gênero discursivo conto popular na unidade 9 (nove) da Coleção. Portanto, a partir desta indicação que as autoras do livro didático realizam para este volume da Coleção, o(a) professor(a) poderá implementar uma proposta de intervenção didático-pedagógica a fim de complementar o trabalho com o gênero discursivo conto de fadas. A seguir, indicamos um plano de aula para o trabalho com o conto de fadas e as orientações ao(à) professor(a).

Quadro 4: Plano de aula

<b>Título da aula:</b>	Conto de Fadas
<b>Finalidade da aula:</b>	reconhecer as características dos personagens da narrativa
<b>Série:</b>	2º ano do ensino fundamental (anos iniciais)
<b>Número de aulas:</b>	5 a 6 aulas
<b>Gênero Discursivo:</b>	Conto de Fadas
<b>Práticas Discursivas:</b>	Oralidade, Leitura e Escrita
<b>Desafios da Contemporaneidade:</b>	inclusão social com a temática étnico-racial
<b>Materiais Necessários:</b>	Conto de fada sugerido para leitura, folha para impressão da atividade, lápis e borracha.

Fonte: Os Autores (2021).

### **Orientação do Plano de Aula para o(a) Professor(a)**

A proposta de atividades que apresentamos nesta seção, estão organizadas e didatizadas a partir dos estudos do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Socio Discursivo (ISD). O ISD, por sua vez, é um pressuposto teórico-metodológico que considera o ensino de línguas (seja materna ou estrangeira) de forma viva e dinâmica, sem desconsiderar o caráter intercambiável entre seus locutores.

O ISD foi desenvolvido por colaboradores de Genebra (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), com a finalidade de orientar o estudo de um determinado gênero no contexto escolar a partir de "um conjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 82). Diante disso, O ISD trabalha com um instrumento chamado de sequência didática (SD).

Este instrumento tem sido amplamente utilizado no ensino de línguas, garantindo, assim, o estudo dos gêneros e o caráter de interação no estudo do objeto da linguística aplicada. Além disso, devemos considerar que as SD são instruções ou encaminhamentos que podem orientar o(a) professor(a) em sua prática de ensino, propiciando intervenções sociais formalizadas nas instituições escolares tão necessárias para a organização da aprendizagem.

[...] Ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente, sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83).

Vale destacar que este trabalho não pretende propor a utilização de uma SD, mas, sobretudo, de possibilitar uma proposta de intervenção didático-pedagógica, considerando que o(a) aluno(a) ao interagir com o texto ativa o conhecimento prévio de mundo do(a) leitor(a) e o engaja em atividades de expressão de suas interpretações e opiniões. Isso, então, possibilita que o(a) aluno(a) realize atividades significativas para seu contexto e/ou na prática com a linguagem. Em outras palavras, parece fundamental que o ensino sirva ao propósito de formar cidadãos(as) críticos(as) e aperfeiçoar a formação humana. Para isso, o(a) professor(a) e alunos(a) pode(m) assumir juntos o desafio de construir conhecimento e reconfigurar suas práticas sociais.

Em face ao exposto, então, o(a) professor(a) deverá apresentar a proposta da aula para os(as) alunos(as). Esclareça aos alunos(as) que todos(as) vão dar continuidade ao estudo do conto do livro didático usado por eles(as) ao longo das aulas de língua portuguesa na escola. Para ocasião, o(a) professor(a) escreverá o conto de fadas “A Princesa dos Cabelos Cacheados” em uma folha de cartolina para ser fixado no quadro ou entregará uma folha impressa do texto para aluno(a), solicitando(a) para colá-la em seu caderno de atividades de sala. Neste momento, escreva no quadro, o tipo de texto que o(a) aluno(a) estudará: “conto de fadas”. Diga para os(as) alunos(as) que o texto lido no livro (2º volume, unidade 9) se tratava de um conto, mas, que, a partir de agora, eles(as) estudarão o conto de fadas. A seguir, segue-se a sugestão do conto de fadas.

#### **Quadro 5: O conto de fadas criado pela autora**

##### ***A PRINCESA DOS CABELOS CACHEADOS***

Era uma vez um rei e uma rainha que viviam em um reino muito, mas muito distante conhecido como Cafundó. Nesse reino havia árvores que dançavam, animais que falavam e, até mesmo, chuva de achocolatado. O rei e a rainha tinham todos os tesouros, joias, luxo jamais visto naquelas redondezas. Eram um reino com muita riqueza. Contudo, eles não eram felizes. O que será que lhes faltavam?

\_\_ Por que será que não conseguimos ter filhos? - perguntou a rainha ao rei.

\_\_ Olhe Safira..., uma estrela cadente, olhe rápido pra ela! faça um pedido! - disse o rei à sua rainha.

Safira, então, atendendo ao pedido do rei, desejou que pudesse ser mãe. Depois do desejo feito à estrela cadente, o rei Benjamin e a rainha Safira foram dormir em seu castelo. Enquanto eles dormiam, uma borboleta com asas fluorescentes se aproximou da rainha Safira e com sua varinha de pétalas mágica encostou em sua barriga e disse:

\_\_ Abracadabra, pelo de cabra, *simsalabim* forme um bebê aqui para mimmm...!

A rainha sentiu uma leve cócega em sua barriga, mas, mesmo assim, não se despertou do sono. Passados dois meses, a notícia da gravidez da rainha Safira se espalhou por todo o reino de Cafundó.

\_\_ A rainha está grávida! - diziam os moradores da cidade de Cafundó.

\_\_ Mais uma criança para arrancar minhas folhas e jogarem pedras nos meus frutos - falavam as árvores preocupadas.

Em uma das noites em Cafundó, os animais conversavam agitadamente, as árvores choravam sem parar. Foi aí, que, então, o motivo de tanta agitação apareceu, era o nascimento da princesa Moana. Contudo, havia algo de errado. Todos do reino de Cafundó ficaram surpresos. Moana era uma princesa com uma beleza sem igual, mas, ao mesmo tempo, que causava espanto. Ela era uma princesa negra de cabelo cacheados e olhos escuros. Seus pais, o

rei Benjamin e a rainha Safira tinham aparência diferentes da princesa Moana. Eles eram brancos, de cabelo lisos e olhos claros. Contudo, essa diferença não afetou o amor e o carinho que o rei e a rainha sentiam pela sua doce princesa Moana.

Meses depois do nascimento da princesa, sua mãe, a rainha Safira faleceu. Ela teve uma anemia profunda. Isso ocorreu por conta de complicações de saúde após o parto. Infelizmente, a rainha Safira, mãe da princesa Moana, foi morar com as estrelinhas lá no céu. Por muito tempo, o rei Benjamin cuidou da princesa Moana com ajuda de Flora, a babá da princesa Moana. Neste meio tempo, o rei Benjamin dedicava-se aos cuidados da princesa e dos afazeres do reino de Cafundó. Quando cai a noite, o rei dirigia-se a sua varanda. De lá, ele podia ver todo o reino de Cafundó e as estrelas no céu. Ele ficava horas admirando as estrelas, pois sabia que a rainha Safira cuidava dele e da princesa Moana de lá do céu.

Com o passar do tempo, o rei Benjamin começou a se sentir solitário. Começou, então, a procurar uma nova rainha para casar-se e ajudá-lo a cuidar da princesa Moana. Um dia, passando pelas terras do reino de Naftali, ele encantou-se pela rainha Cruelda. Em poucos meses estava casado com ela.

Cruelda, então, passou a ser a nova rainha de Cafundó e madrasta da princesa Moana. Ela era muito malvada. Os animais chamavam-na de Crueldão. Ela detestava crianças, principalmente a princesa Moana, pois a sua cor de pele não lhe agradava e nem seu cabelo.

\_\_ Que cabelo feio, sua cor é muito escura também - dizia a rainha enquanto o rei não estava por perto.

\_\_ Lave muito bem esses pratos, esfregue o chão, lave os vidros das janelas de todo o castelo, falava aos gritos a rainha Cruelda, obrigando a princesa Moana a realizar todos os serviços do castelo enquanto o rei Benjamim estava em terras de outros reinos cuidando dos interesses de seu reino.

\_\_ Por que eu nasci assim? Por quê minha mãe me deixou...? - conversava a princesa Moana com sua borboleta Luz, sua fiel escudeira.

\_\_ Você é linda. Nunca se viu tanta beleza por essas terras de Cafundó - dizia a borboleta Luz com a intenção de animar e consolar o coração da princesa.

Certo dia, não aguentando mais as maldades da rainha Cruelda, a princesa Moana fugiu do castelo e correu ligeiramente para a floresta falante. Andando sem rumo, cansada e com fome, a pequena princesa desmaiou, acordando sedenta por água. Neste momento, ela não achou água, mas encontrou perto dela uma biqueira que jorrava achocolatado. Então, mais que depressa, ela juntou as suas mãos, aproximando-se desta biqueira para tomar o achocolatado. De repente, ela ouviu um barulho e perguntou:

\_\_ Quem está aí? Quem está aí?

\_\_ Eu me chamo Nico e estou aqui para lhe ajudar.

\_\_ Como um burrinho falante como você poderia me ajudar?

\_\_ Você não pode fugir para sempre princesa.

\_\_ Por quê, não?

\_\_ Para onde a princesa for... haverá maldade e preconceito, intriga e inveja. Você deve ficar ao lado de quem lhe ama e se defender sempre que necessário.

\_\_ Mas eu não consigo, tenho medo, sou fraca, feia e nunca serei uma princesa de verdade - chorava a pequena princesa.

\_\_ Volte para o castelo porque o reino de Cafundó precisará de você. Conte a seu pai, o rei Benjamin, tudo que aconteceu e cumpra o seu legado de princesa. Você tem a pureza no olhar, a força de uma guerreira e o amor de uma jovem e linda princesa. Tudo que a rainha Safira, sua mãe tinha quando era jovem como você.

\_\_ Minha mãe! Eu sou igual a ela?

\_\_ Sim, princesa Moana, você tem todas as qualidades de sua mãe no coração e na alma. Por isso, volte para Cafundó, você nasceu pra vencer e, por essa razão, é vencedora da vida.

De repente, ao ver a pureza no olhar da princesa Moana, um redemoinho envolveu o burrinho Nico e, assim, o transformou em um príncipe, devolvendo-o a sua forma de um lindo menino negro com cabelos cacheados. Somente o olhar puro de uma princesa poderia quebrar o feitiço que assolava o burrinho Nico.

\_\_ O que aconteceu? Cadê o burrinho falante? Quem é você? - perguntou assustada a princesa.

\_\_ Calma não se assuste, explicarei tudo à princesa. Meus pais, eram pessoas sem condições financeiras, tudo era difícil para eles. Então, não tinham como me alimentar quando pequeno. Uma senhora viúva, então, se ofereceu para cuidar de mim e, assim, viemos morar na floresta encantada. Um dia, passando próximo ao castelo de Cafundó, eu vi uma linda menina negra com cabelos cacheados brincando com sua borboleta brilhosa próximo ao riacho das águas do encantamento. Então, corri para se aproximar daquela menina para poder brincar com ela. Mas, infelizmente, eu tropecei e cai, quando consegui me levantar e olhar ao longo do horizonte do riacho, a menina negra dos cabelos cacheados não estava mais lá. Ela era igual a mim. Por isso queria muito conhecê-la. Então, sai perguntando ao longo

do riacho das águas do encantamento aonde eu poderia encontrar aquela menina.

Do lado sul do riacho, apareceu uma mulher alta, com um vestido escuro e com raiva no seu olhar. Ela, então, disse ser a nova rainha do reino de Cafundó. Ela, vendo minha insistência por procurar pela menina negra de cabelos cacheados, calou-me transformando em um burrinho falante. Depois disso, voltei para o interior da floresta e não sai mais de lá. Para quebrar o feitiço que ela fez sob mim, somente o olhar puro de uma princesa poderia me libertar, dando-me de volta a minha forma de menino.

\_\_ Por que ela faria isso? - perguntou a princesa Moana toda surpresa e assustada.

\_\_ A rainha Cruelda que também é sua madrasta, é uma bruxa disfarçada para roubar fortunas pelos reinos. Ela casa-se com os reis, depois, enfeitiça-os e fica com todo o seu reino.

\_\_ Vamos... precisamos salvar o reino de Cafundó - disse a princesa Moana.

Então, a princesa Moana e o lindo menino negro de cabelos cacheados, não mais como o burrinho Nico falante, mas como Liuper partiram para Cafundó.

Ao chegarem no reino, a malvada rainha Cruelda, que na verdade se chamava Bruxilda, estava prestes a envenenar o rei Benjamin.

\_\_ Não beba isso! - disse a princesa.

\_\_ A onde você estava? Fiquei preocupado. Sente-se vamos tomar uma taça de vinho - disse contente o rei.

A princesa Moana, então, contou tudo a seu pai, o rei Benjamin, sobre as ações maldosas e qual era o verdadeiro plano de Bruxilda. Com o testemunho de Liuper, o rei Benjamin percebeu que tudo era verdade.

Imediatamente, o rei manda prender Bruxilda no calabouço do castelo. Com a bruxa presa, a princesa Moana pode retomar sua alegria e ver o quão bonita ela era. Com o passar dos anos, a princesa cresceu, tornando-se uma mulher de força, garra e fé. Com as bênçãos do rei Benjamin, seu pai, e, já idoso, ela casa-se com Liuper que se tornou um forte homem negro cuja alegria transbordava por todo o reino. E, assim, a princesa Moana, passou a ser a rainha de Cafundó e Liuper o novo rei, viveram felizes para todo o sempre.

Fim.

Fonte: Os Autores (2021).

É importante destacar que a primeira autora deste trabalho se baseou no livro “Cabelo bom é o que<sup>6</sup>?” de autoria de Rodrigo Goecks (2016), ilustrado pela Artista Anna Pires para produzir o conto de fadas como proposta de trabalho nesta pesquisa. O livro de Goecks (2016) trata da autoestima das crianças que possuem cabelos cacheados e crespos. O livro pertence à linha de produtos de beleza “Sou +cachos”, da marca Yenzah. Inúmeros exemplares foram doados às escolas municipais espalhado por todo o Brasil. Ao final de sua história, Goecks (2016) busca fortalecer a autoestima das crianças respondendo à pergunta que traz no título: cabelo bom é o que? – é qualquer cabelo, ou seja, o meu! A primeira autora desta pesquisa, teve acesso ao exemplar da obra de Goecks (2016), a partir do acervo da Biblioteca Pública Municipal Álvaro Gonçalves da Costa Lima, da cidade de João Alfredo, estado de Pernambuco.

Isto posto, dando continuidade a proposta do plano de aula, o(a) professor, então, escreverá no quadro as seguintes informações: “personagens e características”. Em seguida, fará novamente a leitura do conto de forma dramatizada por sua voz, envolvendo os(as) alunos(as) na trama da narrativa do conto. Depois, guiados pelo(a) professor(a), os(as) alunos(as) deveram responder essas duas questões:

#### Quadro 6: Questões norteadoras para o conto de fadas

1. Quem são os personagens do conto de fadas?
2. Quais as características destes personagens?

Fonte: Os Autores (2021).

<sup>6</sup> No Apêndice I deste trabalho, listamos a obra de Goecks (2006) e demais obras como sugestões de livros infantis com protagonistas negros(as).

É importante salientar que os(as) alunos(as) se encontram no processo alfabetização, portanto, o(a) professor(a), ao levá-los(as) a realizar essa atividade deve, então, considerar o trabalho com níveis de alfabetização e a consciência fonológica de cada aluno(a). O propósito desta atividade é envolver o processo de alfabetização com o letrar, ou seja, o alfabetizar letrando (ALBUQUERQUE 2007; GALVÃO; LEAL, 2005) e, assim, trabalhar com a oralidade, leitura e escrita (práticas discursivas) com os(as) alunos(as). No caso da oralidade, o(a) professor(a) pode solicitar que cada criança da sala de aula, leia em voz alta, uma parte do texto (caso ele(a) julgue que sua turma está apta para realizar essa tarefa escolar), caso contrário, o(a) professor(a) mesmo fará a leitura em voz alta, solicitando que as crianças digam quais são os personagens que vão aparecendo na narrativa.

No caso da leitura, depois de listado o nome dos personagens, o(a) professor(a) escreverá no quadro ou na cartolina, o nome de cada um deles(as). Ao longo deste processo, realizará a leitura dos nomes, respeitando o nível fonológico e silábico de cada criança, enfocando, assim, a leitura para reforçar a alfabetização letrando por meio do gênero conto de fadas (ALBUQUERQUE 2007; GALVÃO; LEAL, 2005).

Para a questão da escrita, o(a) alunos(a) escreverá em sua folha sulfite ou em seu caderno, o nome dos personagens mediado pelo(a) ajuda do(a) professor(a), e, em seguida, o(a) professor(a) chama atenção para a segunda pergunta do quadro 6 (seis). Desta vez, o(a) professor(a) levará as crianças a acompanhar a leitura com ele(a), lendo o texto novamente e, então, circulando com lápis de cor os(as) personagens e, de acordo com a cor escolhida pelo(a) aluno(a), os adjetivos que descrevem este personagem na história. Por exemplo, para a personagem Moana, suponhamos que seja a cor verde. Para o personagem Liuper, a cor laranja. Diante da escolha acordada entre todos(as) na sala de aula, o(a) professor focará a leitura e o processo de escrita, mediado, sempre, pela oralidade para que as crianças percebam as características de formação de cada personagem.

Por conseguinte, o(a) professor(a) pode fazer questionamentos com os(as) alunos(as) mediado pelas seguintes perguntas:

Quadro 7: Questões norteadoras para trabalhar o conto de fadas com o alfabetizar letrando

1. Qual é o nome da rainha?
2. Quem é mesmo o pai da princesa?
3. Como se chamava a princesa?

4. Na floresta encantada, a princesa ganha um novo amigo, como é mesmo o nome dele?
5. A mãe da princesa vira uma estrelinha e vai morar lá no céu. Depois disso, seu pai se casa de novo. Então, ela ganha uma madrasta. Qual é o nome dela?
6. Na floresta encantada, os bichos não gostavam da madrasta da princesa, como eles a chamavam? Alguém se lembra?
7. Como se chama o burrinho que a princesa conheceu na floresta encantada?
8. Que cor você pintou o nome do Rei que é pai da princesa? Qual é mesmo o nome dele?
9. E a princesa, qual a cor que ficou para ela? Etc....

Fonte: Os Autores (2021)

A partir da oitava questão em diante, o(a) professor(a) mediará os(as) alunos(as) a observarem como eram os personagens da estória, ou seja, havia personagens bondoso? maldoso? amoroso? A intenção, portanto, é que os(as) alunos(as) apresentem os adjetivos que caracterizam o perfil de cada personagem, como por exemplo, malvado(a), bondoso(a), esperto(a), dedicado(a), amoroso(a), alegre, etc. Pretende-se, com essa atividade, levar o(a) alunos(a) para o processo de identificação que no gênero conto de fadas, essas características próprias dos personagens, são fundamentais para concretizar o enredo da história.

Na próxima atividade, o(a) professor(a) escreve no quadro ou na cartolina o seguinte comando: “Como você imagina que seja cada personagem. Vamos desenhá-lo?”. Neste momento, é importante que os(as) alunos(as) materializem os(as) personagens para que o mundo do imaginário possa se aproximar da realidade e, por conseguinte, o(a) professor(a) possa prepará-los(as) para o seguinte questionamento: “A princesa Moana e o príncipe Liuper possuíam uma beleza que chamava atenção de todos(as) no reino de Cafundó. Quem lembra qual era essa beleza?”.

Com este questionamento, o(a) professor(a) está propondo uma discussão com a inclusão social com a temática étnico-racial, ensinando as crianças que não importa a beleza, o que importa é que todos(as) nós somos bonitos(as) porque aos olhos do nosso bom Deus, aquele que nos criou, somos uma obra prima, pois a cor da nossa pele, o nosso cabelo, cada detalhe que temos em nosso corpo, em tudo que temos no nosso corpo, há um toque de amor e vida que nos torna a ser quem somos.

Decorrente a este contexto, para encaminhar a finalização da proposta didático-pedagógico, o(a) professor(a), então, explica aos(as) alunos(as) que um conto de fadas sempre tem personagens bons e personagens maldosos, mas, que a bondade sempre prevalece porque ela supera todo o tipo de preconceito. E, nesta ocasião, os(as) alunos(as) perguntarão o que é

preconceito? O(a) professor(a) de maneira leve e da forma que julgar pertinente, ele(a) realizará a explicação e, em seguida, propõe a atividade final.

Quadro 8: Atividade final com a inclusão social da temática étnico-racial

Atividade Final:

- Na história que estudamos, quais personagens têm cabelos cacheados e uma cor de pele negra que faz ela ser uma princesa e ele um príncipe?
- Este(s) personagem(ns) pode(m) ser seu amigo(a) e da sua família também. Agora, que tal você escrever o nome deles(as) na folha dada pelo(a) professor(a), ilustrá-los(as) usando seu lápis de cor e, depois, mostrar para sua família que são os(as) novos amigos(as) que você conheceu na história?

Fonte: Os Autores (2021).

Para esta atividade final, o(a) professor(a) poderá organizar a sala em duplas ou pequenos grupos. Este tipo de agrupamento deve ser pensado de uma forma produtiva a fim de que os(as) alunos(as) possam conseguir auxiliar uns aos outros nos momentos de reflexão (desenhar e pintar os personagens para apresentar à família). Garanta que em cada dupla ou grupos tenha pelo menos um(a) aluno(a) alfabético(a), isso auxiliará na troca de experiências na proposta de escrita dos nomes dos personagens.

Nesta atividade final, o(a) professor(a) poderá utilizar um fundo musical de modo instrumental ou cantado. Quando cantado, o gênero discursivo canção deve tematizar a proposta da atividade (relações étnico-racial). Com este tipo de atividade mediado pelo gênero canção, o(a) professor(a) orienta os(as) alunos(as) na realização da atividade enquanto eles(as) ouvem a canção a fim de estabelecer “[...] uma característica comum entre a linguagem musical e a linguagem verbal, pois produzem seus significados pelo seu uso nas práxis, ou seja, é no uso concreto e único dessas linguagens em sociedade que se constitui a sua produção de sentidos” (AMARANTE, 2019, p. 29).

Como sugestão, então, para trabalhar com esta atividade final mediado pelo gênero discursivo canção, o(a) professor(a) poderá utilizar a canção *Aos Olhos do Pai* que compõe a coletânea *Crianças Diante do Trono* (CRIANÇAS DIANTE DO TRONO, 2001). Trata-se, portanto, de uma série de álbuns infantis com personagens animados cuja a canção supracitada tornou-se um dos maiores sucessos do grupo e, por essa razão, foi gravada, além do português, em albanês e polonês. A canção integra a produção do *DVD Crianças Diante do Trono*, com direção de Sérgio Gomes (CRIANÇAS DIANTE DO TRONO, 2001). Contudo, devido a facilidade das tecnologias de informação e da comunicação, uma cópia desta canção está



disponível no canal oficial do grupo na plataforma *Youtube Videos* (CRIANÇAS DIANTE DO TRONO OFICIAL, 2015).

Com esta atividade final, o(a) professor(a) está garantido o trabalho da percepção da equidade com seus(as) alunos(as), ou seja, ele(a) está aplicando uma atividade na qual o(a) aluno(a) reconheça de forma imparcial o direito de cada um(a) de forma mais justa o possível para todos(as) que vivem na sociedade.

### Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos discutir a importância do(a) professor(a) trabalhar com o gênero conto de fadas nas aulas de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, percorremos um caminho que nos possibilitou discutir as questões étnico-raciais no gênero conto de fadas, as características dos personagens deste gênero discursivo e, assim, propor para o(a) professor(a) do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental, uma intervenção didático-pedagógico com o gênero conto de fadas.

Discutir a temática da inclusão das relações étnico-racial no âmbito acadêmico é, sobretudo, desafiador para um(a) pesquisador(a) em formação inicial, como o caso dos autores deste trabalho. Isso ocorre porque corremos o risco do(a) leitor(a), de um modo geral, julgar irrelevante a discussão do trabalho pelo fato de associar a temática (questões étnico-racial) como um tema que possa ser ensinado pelo(a) professor(a) do componente curricular de História e, por assim ser, somá-lo a uma data comemorativa, como já mencionado ao longo do trabalho.

Outro desafio é entender que as relações étnico-raciais fazem parte do nosso cotidiano e, por essa razão, cabe a escola dispor de recursos didático-pedagógicos para trabalhar com a temática supracitada. Contudo, é uma realidade de que as escolas “[...] não dispõe de muitos recursos” (ARANTES; GASPAR, 2018a, p. 23) para promover a equidade social.

Por este motivo, então, ao retomamos a pergunta problemática desta pesquisa: De que modo os contos de fadas nas aulas de língua portuguesa podem contribuir para a formação humana da criança?, temos condições de afirmar que este trabalho é um norte inicial para que o(a) professor(a), nas aulas de língua portuguesa, por meio do trabalho com o gênero conto de fadas, possa trabalhar atividades que sirvam de complementação para seu plano de trabalho docente, possibilitando, então, a partir do que foi discutido nesta pesquisa, a formação

emocional (ABRAMOVICH, 2006) e social (ARANTES; GASPAR, 2018b) da criança com a valorização e o respeito ao negro.

## Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ALBUQUERQUE, E. B. C. Conceituando Alfabetização e Letramento. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-22.
- AMARANTE, C. B. **O Gênero Discursivo Canção: uma proposta de ensino para crianças**. 2019. 204 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2019. Disponível online em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/cbamarante.pdf>>. Acesso em 28 set. 2021.
- ARANTES, A. S.; LUZ, I. M.; SANTOS, M. E. V. (Org.). **Território Negro: percepções históricas e educacionais sobre as relações étnico raciais no nordeste brasileiro**. Recife: Editora da UFPE, 2020.
- ARANTES, A. S.; GASPAR, M. M. G. S. Sobre a Organização de um Livro. In: ARANTES, A. S.; GASPAR, M. M. G. S. (Orgs.). **Literatura Afro-Brasileira e Africana: experiências formadoras na extensão, no ensino e na pesquisa**. Recife: Edupe, 2018a, p.16-23.
- ARANTES, A. S.; GASPAR, M. M. G. S. Diversidade Étnico-Racial e Literatura Infanto-Juvenil: uma reflexão teórico-metodológica de “pesquisa-ação-formação”. In: ARANTES, A. S.; GASPAR, M. M. G. S. (Orgs.). **Literatura Afro-Brasileira e Africana: experiências formadoras na extensão, no ensino e na pesquisa**. Recife: Edupe, 2018b, p. 25-42.
- ARAUJO, D. C. As Relações Étnico-Raciais na Literatura Infantil e Juvenil. **Educ. Rev.**, Curitiba, vol. 34, n. 69, p. 61-76, 2018.
- ÁRIES, P. **Histórias Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC,1981.
- BRASIL. **PNLD**. Brasília: MEC, 2018. Disponível online em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em 25 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Brasília: MEC, 2003. Disponível online em: <[https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis\\_10.639\\_2003\\_inclus%C3%A3o\\_no\\_curso\\_oficial\\_da\\_Hist%C3%B3ria\\_e\\_Cultura\\_Afrobrasileira.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003_inclus%C3%A3o_no_curso_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf)>. Acesso em 20 set. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasil: MEC, 2004.

BASTOS, G. M. **A Importância dos Contos de Fadas na Educação Infantil.** 55 f. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** 4. ed. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1920].

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no Contexto Brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

**CRIANÇAS DIANTE DO TRONO.** Direção: Sérgio Gomes. Produção: Ministério Diante do Trono. Intérpretes: Ana Paula Valadão e outros. Roteiro: Ana Paula Valadão. Belo Horizonte: Produtora Diante do Trono, 2001. 1 DVD (85 min.)

CRIANÇAS DIANTE DO TRONO OFICIAL. Aos Olhos do Pai. **Youtube**, 15 out. 2015. Disponível online em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LOiQ5BvDISw>>. Acesso em 23 set. 2021.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (Orgs.). **Gêneros Oraís e Escritos na Escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

DIAS, E.; MESQUITA, E. M. C.; FINOTTI, L. H. B. *et al.* Gêneros Textuais e(ou) Gêneros Discursivos: uma questão de nomenclatura? **Revista Interações**, Santarém, v. 7, n.º 19, p. 142-155, 2011. Disponível on-line em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/475>>. Acesso em 20 out. 2021.

EDITORAS ÁTICA E SCIPIONE. PNLD 2019: coleção ápis. **Youtube**, 17 jul. 2018. Disponível online em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h7GJ7glYBF8>>. Acesso em 25 ago. 2021.

- FARIAS, F. R. A.; RUBIO, J. A. S. Literatura Infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n. 1, online, 2012. Disponível online em: <<https://docplayer.com.br/10590853-Editorial-revista-eletronica-saberes-da-educacao-volume-3-no-1-2012.html>>. Acesso em 05 jun. 2021.
- GALVÃO, A.; LEAL, T. F. Há Lugar ainda para Métodos de Alfabetização?: conversas com professores(as). In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOECKS, R. **Cabelo bom é o que?** Rio de Janeiro: Ed. Autor, 2016.
- JANSON, T. **A História das Línguas: uma introdução**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo. Ática, 2003.
- MACHADO, A. M. **Cachinhos de Ouro**. Recontado por Ana Maria Machado. São Paulo: FTD Educação, 2004.
- OLIVEIRA, A. O. P. Os Contos de Charles Perrault em Tradução. **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 71, n. 1, p. 169-180, 2018.
- OTTONI, M. A. R. Gêneros Textuais/Discursivos: um debate teórico. In: LEFFA, V. J. (Compilador). **TELA (Textos em Linguística Aplicada)**. [DVD]. 4. ed. Pelotas: Educat, 2009. Disponível on-line em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET\\_III/artigos/Otoni.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET_III/artigos/Otoni.pdf)>. Acesso em 20 out. 2021.
- PINTO, M. A Infância como Construção Social. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **As Crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança; Universidade do Minho, 1997. p. 62-70.
- SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A Criança e o Livro**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- SOUZA, F. **O Patinho Feio**. Recontado por Flávio Souza. São Paulo: FTD Educação, 2010.
- TRINCONI, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Ápis de Língua Portuguesa: 1º ano do ensino fundamental (anos iniciais)**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017a.

TRINCONI, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Ápis de Língua Portuguesa: 2º ano do ensino fundamental (anos iniciais)**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017b.

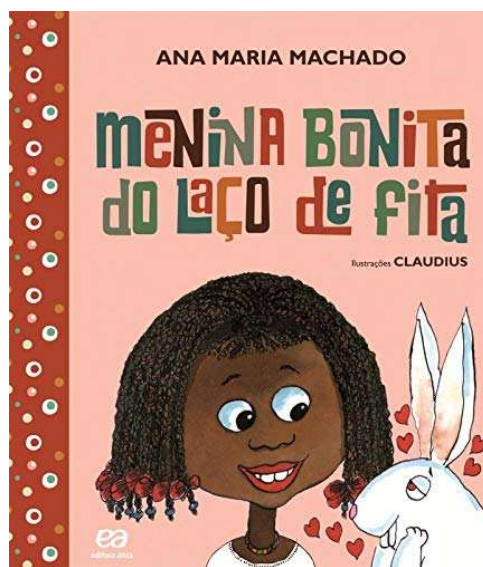
TRINCONI, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Ápis de Língua Portuguesa: 3º ano do ensino fundamental (anos iniciais)**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017c.

TRINCONI, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Ápis de Língua Portuguesa: 4º ano do ensino fundamental (anos iniciais)**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017d.

TRINCONI, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Ápis de Língua Portuguesa: 5º ano do ensino fundamental (anos iniciais)**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017e.

## 1. Menina Bonita do Laço de Fita

---

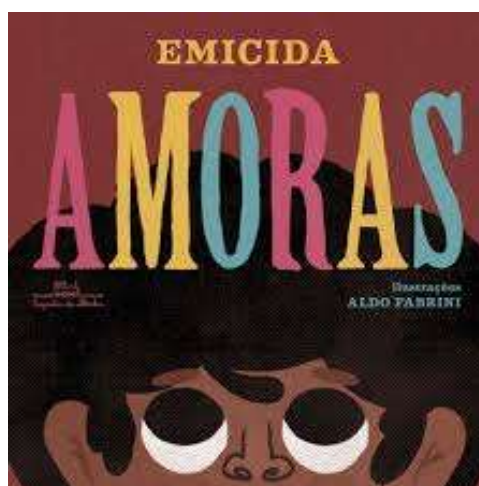


**Referência do livro:**

MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do Laço de Fita*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011.

## 2. Amoras (versão animada)

---



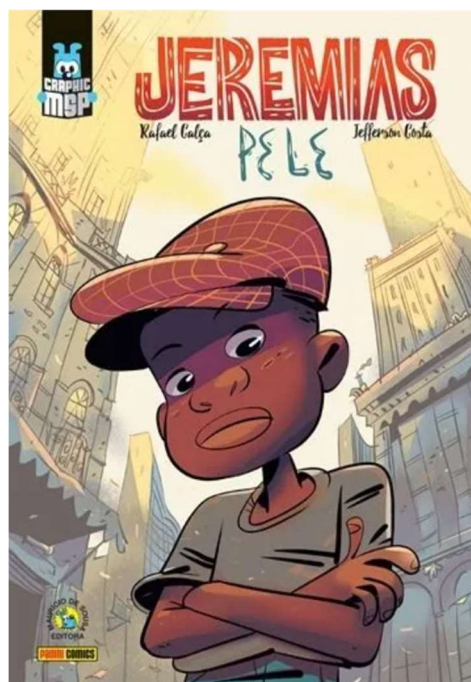
**Referência do livro:**

EMICIDA. *Amoras*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

Versão animada disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Avt7s8XgDjs>>. Acesso em 22 set. 2021.

### 3. Jeremias: Pele

---

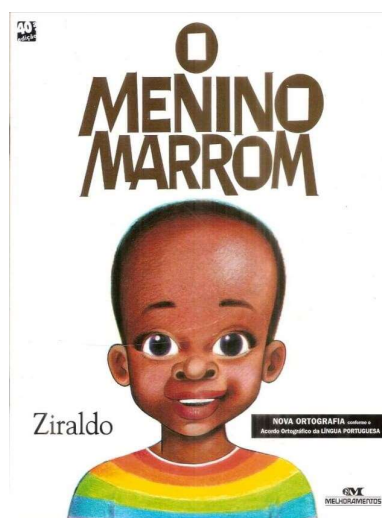


**Referência do livro:**

CALÇA, Rafael; COSTA, Jeferson. *Jeremias: Pele*. São Paulo: Maurício de Sousa Produções, 2018.

### 4. O Menino Marrom

---



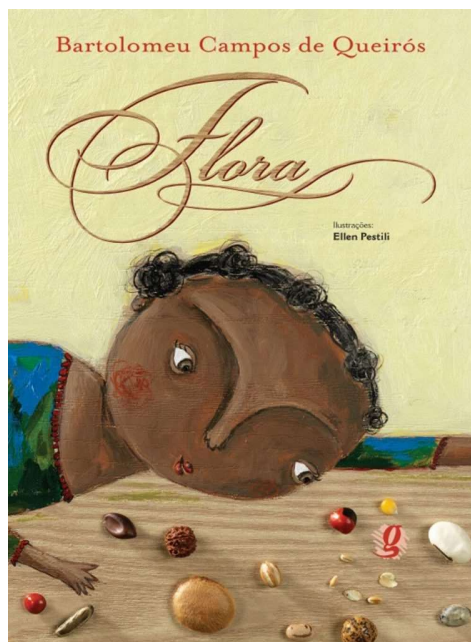
**Referência do livro:**

PINTO, Ziraldo Alves. *O Menino Marrom*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

*Menino Marrom*. São Paulo:

## 5. Flora

---

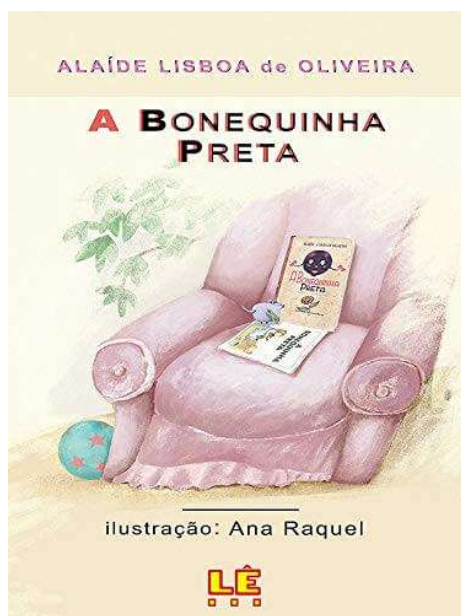


**Referência do livro:**

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Flora*. 2. ed. São Paulo: Editora Global, 2009.

## 6. A Bonequinha Preta

---

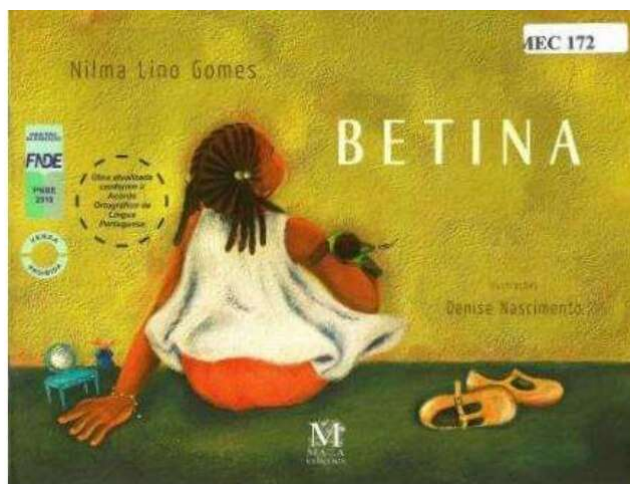


**Referência do livro:**

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *A Bonequinha Preta*. Belo Horizonte: Lê Editora, 2005.



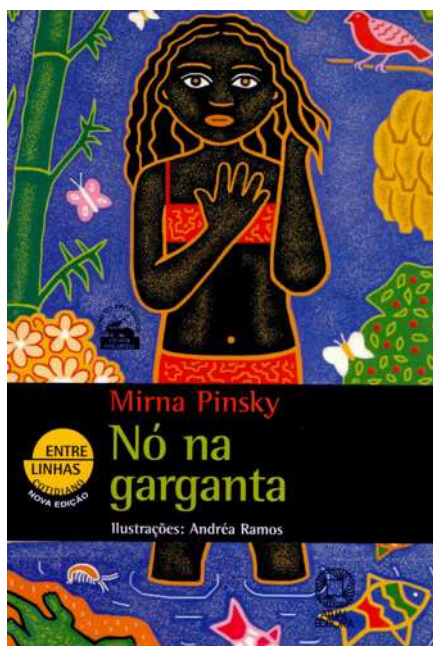
## 7. Betina



### Referência do livro:

GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

## 8. Nó na Garganta

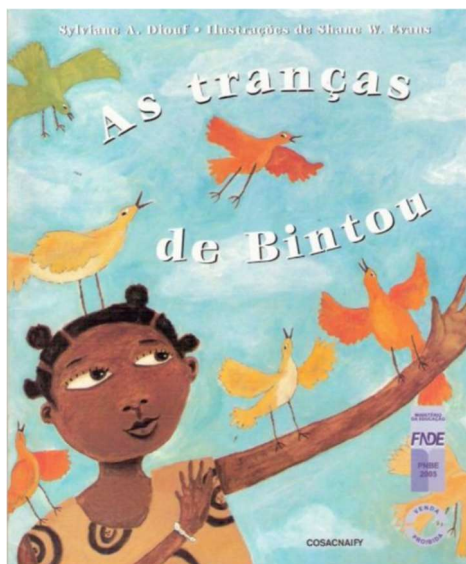


### Referência do livro:

PINSKY, Mirna. *Nó na Garganta*. São Paulo: Atual Editora, 2009.

## 9. As Tranças de Bintou

---

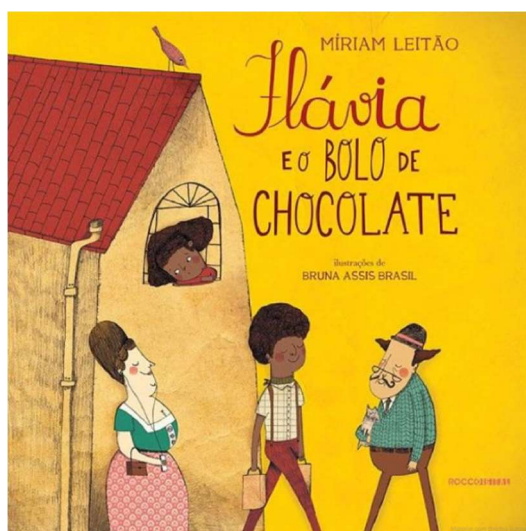


**Referência do livro:**

DIOUF, Sylviane. *As Tranças de Bintou*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004.

## 10. Flávia e o Bolo de Chocolate

---

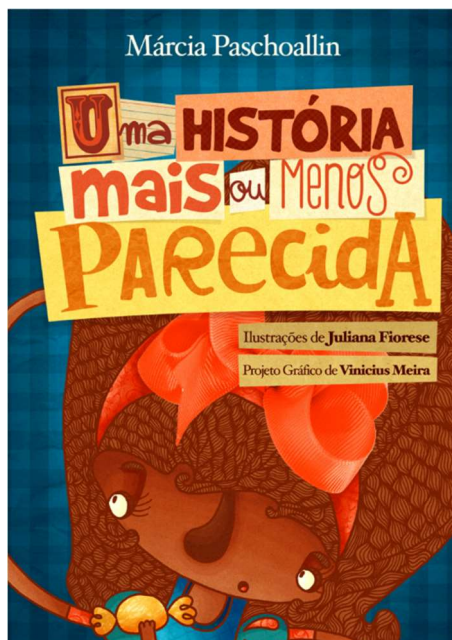


**Referência do livro:**

LEITÃO, Míriam. *Flávia e o Bolo de Chocolate*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015.

## 11. Uma História Mais ou Menos Parecida

---

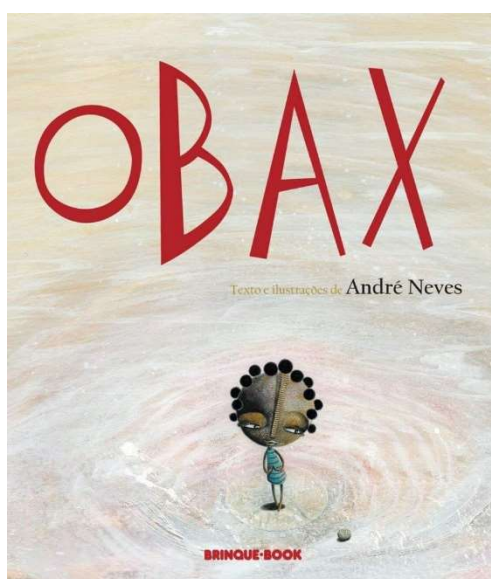


**Referência do livro:**

PASCHOALLIN, Márcia. *Uma História Mais ou Menos Parecida*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

## 12. Obax

---



**Referência do livro:**

NEVES, André. *Obax*. São Paulo: Brinque Book, 2010.

### 13. Iori Descobre o Sol, O Sol Descobre Iori

---



**Referência do livro:**

FASUSTINO, Oswaldo. *Iori Descobre o Sol, O Sol Descobre Iori*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

### 14. Akins: conhecendo a turma da Mônica

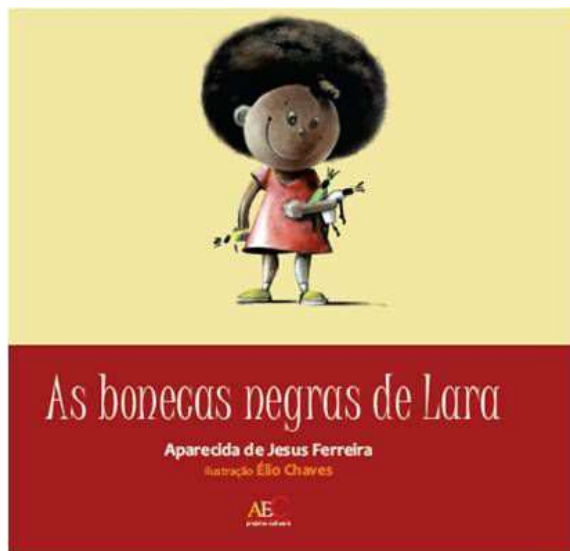
---



**Referência do livro:**

SOUZA, Maurício de. *Akins: conhecendo a turma da Mônica*. São Paulo: Maurício de Sousa Produções, s/d.

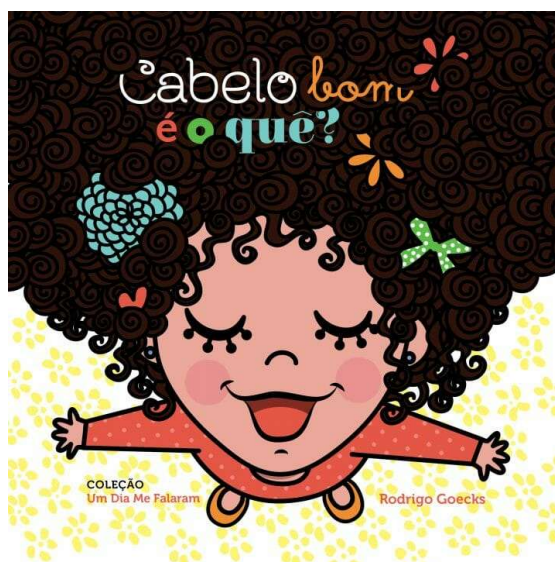
**15. As Bonecas Negras de Lara**



**Referência do livro:**

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *As Bonecas Negras de Lara*. Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017

**16. Cabelo Bom é o Quê?**

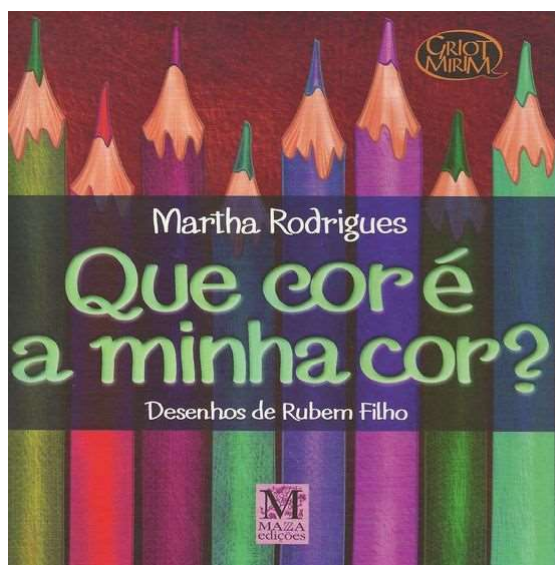


**Referência do livro:**

GOECKS, Rodrigo. *Cabelo Bom é o Quê?* São Paulo: Editora RDG, 2016.

**17. Que Cor é Minha Cor?**

---

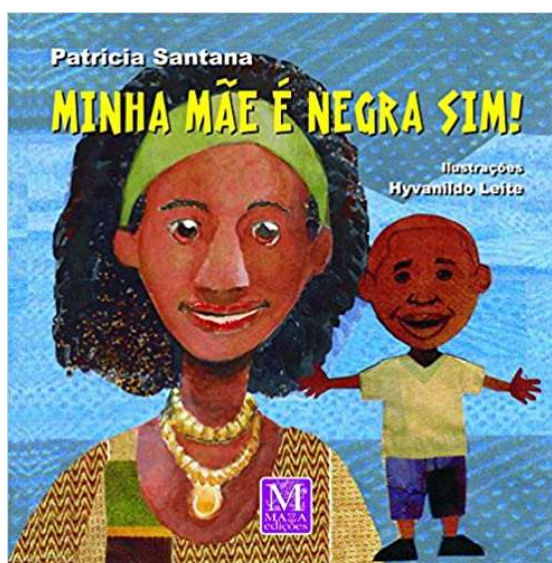


**Referência do livro:**

RODRIGUES, Martha. *Que cor é a minha cor?* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

**18. Minha Mãe é Negra Sim!**

---



**Referência do livro:**

SANTANA, Patrícia. *Minha Mãe é Negra Sim!* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

## 19. Meninas Negras

---

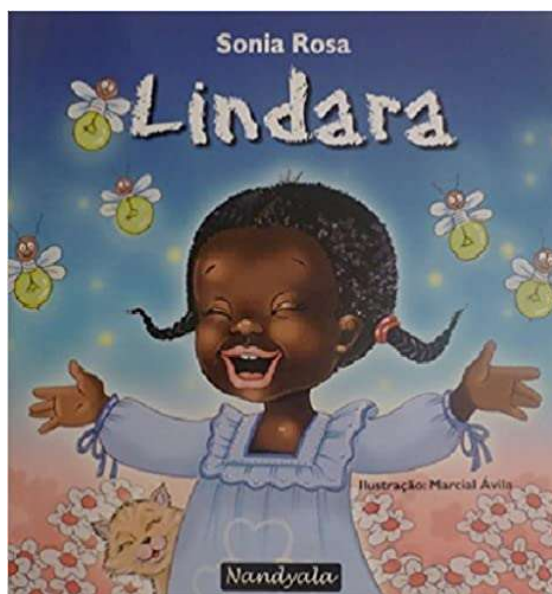


**Referência do livro:**

COSTA, Madu. *Meninas Negras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

## 20. Lindara

---

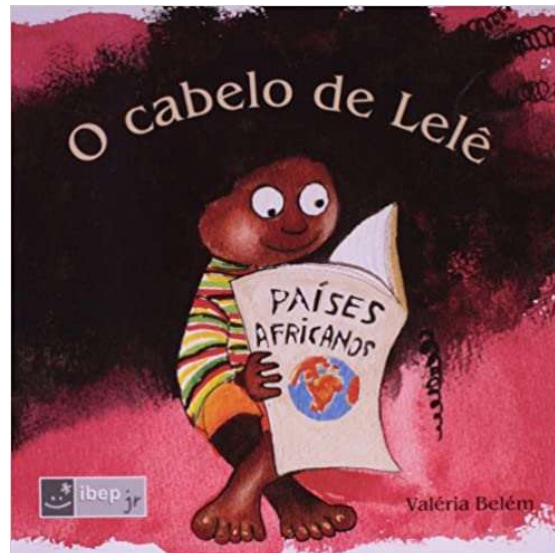


**Referência do livro:**

ROSA, Sônia. *Lindara*. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2009.

## 21. O Cabelo de Lelé

---

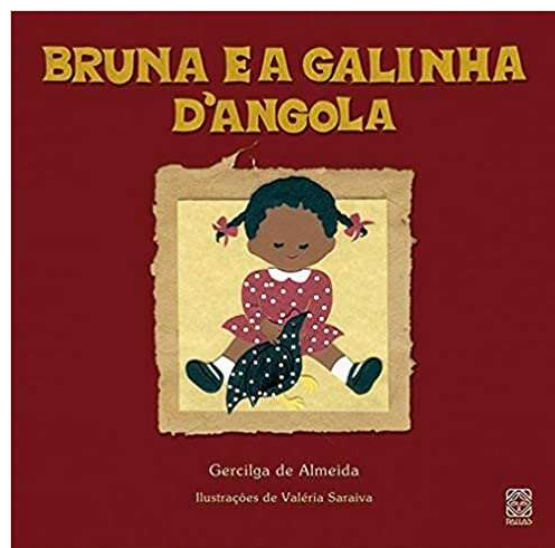


**Referência do livro:**

BÉLEM, Valéria. *O Cabelo de Lelé*. São Paulo: IBEP, 2012.

## 22. Bruna e a Galinha D'Angola

---



**Referência do livro:**

ALMEIDA, Gercilga de. *Bruna e a Galinha D'Angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.